


PREVALÊNCIA DE BULLYING E FATORES ASSOCIADOS EM ESTUDANTES DO 9º ANO DE TRAMANDAÍ/RS

 <https://doi.org/10.56238/arev7n5-233>

Data de submissão: 15/04/2025

Data de publicação: 15/05/2025

Régis Waechter Gonçalves

Mestre em Promoção da Saúde Desenvolvimento Humano e Sociedade
Professor da Rede Municipal de Ensino de Osório – Rio Grande do Sul – Brasil
ORCID: 0000-0001-6841-9914

RESUMO

Este estudo quantitativo transversal sobre a prevalência do *bullying* e seus fatores associados foi realizado com 192 estudantes do 9º ano da rede municipal de Tramandaí/RS. Esses responderam questionários sobre a temática e os dados foram digitalizados e submetidos à análise estatística. Assim, os resultados foram discutidos à luz da literatura: cerca de 51,1% dos estudantes relataram já ter sofrido *bullying*, com os recortes de sexo e raça indicando relevância. Além disso, as intimidações mais frequentes referidas foram as agressões verbal e física. Os resultados visam à promoção da discussão sobre o tema e ao subsídio de programas *antibullying* como estratégia de prevenção e promoção da saúde.

Palavras-chave: *Bullying*. Violência. Adolescentes. Saúde Escolar.

1 INTRODUÇÃO

O termo *bullying* tem o significado de agressão, de forma intencional e repetitiva a outra pessoa ou grupo, podendo ser física e/ou psicológica, sendo caracterizada por um desequilíbrio de poder entre vítimas e agressores. A adoção universal do termo *bullying*, decorrente da dificuldade em traduzi-lo, em um só termo, para diversas línguas, parte do diagnóstico de que esta é uma problemática que se espalha por todo o globo, devendo seu enfrentamento partir de um diálogo transnacional. Durante a Conferência Internacional *Online School Bullying and Violence*, de maio a junho de 2005, ficou caracterizado que o amplo conceito dado à palavra dificulta a identificação de um termo correspondente em outros países como Alemanha, França, Espanha, Portugal e Brasil (LOPES NETO, 2005).

Este tipo de violência se refere a uma forma específica de comportamento agressivo e intimidador no contexto escolar entre pares e é caracterizado a partir de três critérios: intencionalidade, repetitividade e desequilíbrio de poder (OLWEUS, 1997). O local característico dessas agressões é o ambiente escolar (MANZININI; BRANCO, 2017). Caracterizado como um tipo de comportamento repetitivo, deliberado e agressivo, que não tem motivos aparentes, o fenômeno *bullying* se apresenta de forma velada, por meio de um conjunto de comportamentos cruéis, prolongadamente, contra uma mesma vítima, e cujo poder destrutivo é perigoso à comunidade escolar e à sociedade como um todo, pelos danos causados ao psiquismo dos envolvidos (FANTE, 2005).

Esse comportamento está inserido numa relação desigual de poder, em que o opressor considera a vítima intimidada como o “lado fraco”, aquela que não consegue reagir, aquela que não revida nem denuncia seus agressores. A vítima, em muitos casos, guarda consigo, em silêncio, todas as humilhações pelas quais passa. O agressor, por sua vez, ao não ser coagido em suas atitudes, tem reforçado, dia após dia, seu comportamento hostil. Geralmente, a vítima tem características físicas ou psicológicas que as diferem dos demais por não condizer com os padrões estabelecidos pelo grupo no qual está inserida (MANZININI; BRANCO, 2017). Trata-se de um fenômeno muito antigo em nossa sociedade, indicado em obras de arte e relato de adultos sobre a vida escolar, como fica claro, por exemplo, no romance *O Ateneu*, de Raul Pompéia, publicado pela primeira vez em 1888:

Várias vezes nessa tarde fui assaltado pela chacota impertinente do Barbalho. O endemoninhado caolho puxava-me a roupa, esbarrava-me encontrões e fugia com grandes risadas falsas, ou puxava-me de súbito em frente, e revestindo-se de quanta seriedade lhe era suscetível o açafraão da cara, perguntava: “Mudou as calças?” Um inferno. (POMPÉIA, 1996, p. 33).

No fragmento acima, percebe-se uma típica ação de *bullying*, da qual o personagem Sérgio foi o alvo, a vítima. As agressões por seus colegas através de insultos, ofensas, xingamentos, risadas,

puxões e empurrões configuram-se como características elementares do *bullying* escolar (CORINGA; GOMES, 2013). A caracterização da situação como “infernai” desenha, no trecho supracitado do romance, a intensidade e a dimensão do sofrimento gerados, na perspectiva da criança-vítima.

Os primeiros estudos sistemáticos sobre *bullying* foram realizados por Dan Olweus¹, na Noruega, tendo sido publicados no início da década de 1990. O autor, proveniente da Universidade de Bergen, foi não só pioneiro dos estudos do *bullying*, mas também sobre as estratégias de seu combate. Ele iniciou, na década 1970, uma investigação sobre os agressores e suas vítimas na escola, chamando muita atenção das instituições educacionais de seu país. Na década de 1980, Olweus pesquisou uma amostra de 84.000 estudantes, 400 professores e 1.000 pais, em diferentes faixas etárias, buscando verificar as características e extensão do *bullying*, bem como avaliar as intervenções realizadas. Com os primeiros resultados da pesquisa, em 1989, constatou-se que um em cada sete estudantes estava envolvido em casos de *bullying*. Já em 1993, Olweus publicou o livro *Bullying at School*, onde propõe políticas de intervenção e faz um diagnóstico de sinais ou sintomas possíveis de agressores e vítimas. Com o apoio do governo da Noruega, conseguiu implantar um programa de combate ao *bullying* nas escolas, que reduziu em 50% sua ocorrência (ZOEAGA; ROSIM, 2009).

As experiências de Olweus serviram para um despertar global para o problema, tendo servido de exemplo e referência para diversos outros estudos e ações de sucesso, chamando a atenção em outras nações que assim passaram a desenvolver ações de prevenção e enfrentamento ao *bullying* na década de 1990. Como exemplos, menciona-se *The DES Sheffield Bullying Project*, no Reino Unido (1994), a *Campanha Antibullying nas Escolas Portuguesas* (1996 no Canadá (1997) e o *Programa de Educação para a Tolerância*, na Espanha (1998). A partir de 2001, a Comunidade Econômica Europeia implementou um projeto intitulado *Training and Mobility of Research (TMR) Network Project: Nature and Prevention of Bullying*, abrangendo também campanhas no Canadá, Itália, Alemanha, Grécia e Espanha (ZOEAGA; ROSIM, 2009; SILVA; COSTA, 2016).

O *bullying*, como tema de pesquisa, possui diferentes terminologias e classificações em uso, sendo que algumas dividem-no em *bullying* direto ou *bullying* indireto e físico ou não físico. Em termos de produção acadêmica, o *bullying* tem sido classificado em três categorias: físico, verbal e social (SILVA; COSTA, 2016). A literatura classifica as crianças envolvidas em *bullying* como vítimas, agressoras e observadoras, ou ainda como vítima/agressor, sendo simultaneamente alvo e autor (MANZINE; BRANCO, 2017; PIGOZI; MACHADO, 2015). As vítimas costumam não reagir

¹ Dan Olweus é professor de psicologia, afiliado ao Research Center for Health Promotion (HEMIL) da Universidade de Bergen, na Noruega. É considerado o pioneiro em pesquisas e programas de enfrentamento ao *bullying* no mundo, recebendo vários prêmios de reconhecimento por suas investigações e intervenções satisfatórias.

às agressões, são bastante inseguras, temem rejeição e possuem poucos amigos, sentem-se infelizes, sofrem com o medo, a vergonha, a depressão e a ansiedade, podem evitar a escola e o convívio social, como proteção contra novas agressões (LOPES NETO, 2011).

As vítimas, quando reagem, reproduzem os maus tratos sofridos, como forma de compensação, ou seja, elas procuram outra vítima, o que aciona o efeito dominó, como em um círculo vicioso. Transformando-o em um problema de difícil controle, faz com que o *bullying* ganhe proporções infelizes de pandemia, de ameaça à saúde pública (SILVA, 2010, p. 42). Estudos mostram que os professores tendem a ignorar o *bullying*, quer porque eles não sabem o que fazer, ou porque pensam que são as próprias crianças que devem encontrar as soluções do seu problema (LOPES NETO, 2011).

Um dos papéis assumidos também pelos estudantes frente ao *bullying* escolar é o do observador/espectador. Embora muitas pesquisas apresentem apenas dados em relação aos agressores e vítimas, o espectador tem um importante papel social na prática do *bullying*. Segundo Teixeira (2011) e Lopes Neto (2011), espectadores ou observadores de casos de *bullying* seriam em torno 70% de alunos em uma sala de aula que, ainda que não se configurem necessariamente como vítimas nem agressores, também “participam” de diversas formas da dinâmica neste ciclo de violência.

Tratando-se de um problema social, o *bullying* escolar não deve ser visto apenas como um comportamento violento praticado pela iniciativa de alguns poucos estudantes. Este é medido por questões familiares, sociais e da própria escola, que varia de gravidade de acordo com as atitudes individuais e coletivas e do contexto onde ocorre, se caracterizando como um fenômeno complexo, que exige conjunção de diversas peças para que seja montado um cenário favorável à sua ocorrência: ambiente permissivo e tolerante, em que a convivência entre os pares seja frequente e duradoura, onde coexistam crianças ou adolescentes agressivos e crianças ou adolescentes submissos e solitários (LOPES NETO, 2011). A escola deve analisar as formas possíveis de controlar o *bullying*, estruturando-se pedagogicamente para conseguir deter a violência não só no interior, mas também advinda do exterior do espaço escolar (FANTE, 2005).

Neste sentido, vê-se a importância de ser realizado o levantamento e a análise de dados, a partir dessa pesquisa. Assim, essa poderá ser utilizada no enfrentamento e construção de políticas públicas e ações na área da saúde e educação para o enfrentamento do *bullying* escolar. Em vista do presente panorama, este estudo tem o objetivo de descrever a prevalência do *bullying* escolar e fatores associados entre os estudantes do 9º ano da rede municipal de Tramandaí/RS.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa quantitativa descritiva transversal, de base escolar, realizada com estudantes do 9º ano da rede municipal de ensino da cidade de Tramandaí, RS. Este município se localiza no litoral norte do Estado do Rio Grande do Sul e está localizado a 118 km da capital, Porto Alegre.

De acordo com os dados da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, Tramandaí, em 2019, contava com 310 alunos matriculados no turno diurno do 9º ano do ensino fundamental regular, em nove escolas na zona urbana da rede municipal. A coleta de dados foi realizada nas turmas de nono ano em sete escolas municipais da cidade e, no final da coleta, se obteve uma amostra de 192 estudantes com idades variando entre 14 e 18 anos. Foi considerado perda, para os fins deste estudo, os alunos matriculados que não concordaram em participar do mesmo, os estudantes faltantes no momento da coleta de dados e os estudantes que não trouxeram o TCLE assinado pelos pais. O percentual de perdas foi de 12%.

O critério de inclusão foi estar matriculado e frequentando regularmente o 9º ano do ensino fundamental de escola da rede pública municipal de Tramandaí/RS, com idade entre 12 e 18 anos, no período de 2019. A coleta de dados foi realizada entre os meses de novembro e dezembro de 2019, nas salas de aulas das escolas, pelo próprio pesquisador, sendo a aplicação dos questionários precedida de uma breve explicação sobre a pesquisa e o preenchimento era feito pelo próprio adolescente, de forma anônima, na presença somente do pesquisador (avaliador).

Para tanto, foram utilizados dois questionários como instrumentos de pesquisa. O primeiro questionário é relativo aos dados sociodemográficos e contém perguntas sobre idade; cor/etnia; pais (vivos ou falecidos, se vivem juntos ou separados); pessoas com quem reside; se desenvolve atividade remunerada; instituição de ensino (público ou privada). O segundo instrumento utilizado foi o questionário *Kidscape*², em que constam as variáveis relacionadas especificamente ao *bullying*, sendo estes, se já sofreu *bullying*; idade em que sofreu; última vez que você foi intimidado, assediado ou agredido; onde e como aconteceu a intimidação; como se sentiu; sexo de quem praticou o *bullying*; opinião sobre o agressor; culpado da agressão; tipo de agressão; se já praticou *bullying*.

A coleta de dados considerou os aspectos éticos e legais na pesquisa científica, sendo aplicados o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para que os estudantes e seus pais tomassem conhecimento, por escrito, dos objetivos da

² O instrumento de coleta de dados *Kidscape* é composto por 17 questões, foi construído por pesquisadores em Londres e atualmente é utilizado em pesquisas sobre o tema, para identificar as práticas de *bullying* frequentes na instituição escolar, quem são as vítimas, os agressores e os possíveis observadores/espectadores. extraído de: <http://www.kidscape.org.uk/>.

pesquisa e da apresentação do projeto de pesquisa. A participação voluntária foi devidamente informada aos participantes do estudo. Os TALE e TCLE foram entregues aos estudantes para que manifestassem sua anuência em participar voluntariamente da pesquisa e, no dia da aplicação, os trouxessem assinado pelos pais, manifestando a sua autorização para participação dos discentes na mesma. Todos os questionários foram respondidos pelos próprios alunos participantes e realizados no período de aula, sem a presença do professor, a fim de se manter o sigilo das informações. Combinou-se, com as escolas, três encontros semanais para conseguir adesão dos alunos faltantes no primeiro dia de coleta ou daqueles que não haviam trazido o TCLE devidamente assinado por seus responsáveis na primeira ocasião.

O processo de análise de dados iniciou com o processo de digitação dos dados, utilizando o software Epidata 3.1, e, posteriormente, o banco de dados foi exportado para a aplicação de testes estatísticos no software STATA 12.0. Primeiramente, foram codificadas as variáveis qualitativas, realizada a limpeza de *missings* e agrupamentos necessários. Na sequência, a análise descritiva apresentou médias, medianas, desvio padrão, percentagens e contagens. Na parte inferencial, foram realizados testes para análise da distribuição (teste de *Shapiro Wilk* para ver normalidade), testes para identificação de associações (teste Qui-quadrado de independência). Para complementar estas análises, foram realizadas também análises de regressões logísticas. Foi adotado o nível de significância equivalente a 5%.

O projeto que embasou esta pesquisa, após autorização da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Tramandaí, foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Luterana do Brasil – ULBRA para avaliação e adequação ética e metodológica como prevê a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde e aprovado sobre o parecer número 3.678.167.

3 RESULTADOS

A amostra contou com 192 alunos de escolas do município de Tramandaí, Rio Grande do Sul, que frequentam escolas municipais. Como se pode observar, os alunos apresentaram uma distribuição equilibrada e homogênea quanto ao sexo, apresentando leve predominância das meninas (50,8%). Quanto à idade, a maior parte dos alunos estava com 15 anos (50%), com média de 15,59 anos de idade (desvio padrão de 0,93 anos).

Considerando a raça, 39,9% se autodeclararam brancos (39,9%), 35,1% pardos (35,1%) e 25% negros e outros. Praticamente todos os alunos da amostra (96,8%) estudaram somente em escolas públicas. A grande maioria dos alunos (88,2%) declarou que seus pais estão vivos, sendo a situação conjugal dos mesmos bastante equilibrada entre os que vivem juntos (46,4%) ou separados (40,6%).

Já a situação residencial, quanto a pais que vivem na mesma residência do aluno, a maior parte reside com o pai, a mãe e irmãos juntos (32,5%), seguidos, nesta variável, daqueles que residem apenas com a mãe (26,2%).

Quando verificamos os dados referentes ao *bullying*, 51,1% dos alunos afirmaram já ter sofrido agressão ou algum tipo de assédio. As agressões aconteceram principalmente entre os alunos de 11 a 14 anos (66%). Quanto aos sentimentos despertados pela agressão, a maior parte dos alunos se sentiu mal ou teve medo, respectivamente 34,4% e 30,2%. Quando questionados sobre quem é o responsável por agressões que acontecem recorrentemente, os alunos responsabilizaram os agressores (62,3%) e os pais dos agressores (20,1%). A maior parte dos agressores são meninos (68%). Entre os alunos da pesquisa, a grande maioria afirmou não ter praticado nenhuma agressão contra outra pessoa (72,7%).

A maior parte das agressões aconteceu na sala de aula (33,0%) e no pátio da escola (22,7%). Os tipos de agressões mais citados pelos alunos foram as intimidações verbais (51%) e física (43,9%) (Tab. 1).

Tabela 1 – Dados específicos sobre a prevalência de *bullying* e fatores associados em estudantes do 9º ano da rede municipal de Tramandaí, RS

VARIÁVEIS	n	%	p-valor
Já sofreu <i>bullying</i>			0,772
não	93	48,9	
sim	97	51,1	
Idade da vítima quando agredida			<0,001
menos de 5 anos	1	1,1	
de 5 a 11 anos	19	20,2	
de 11 a 14 anos	62	66,0	
mais de 14 anos	12	12,8	
Como se sentiu			<0,001
não me incomodou	14	14,6	
me senti mal	33	34,4	
fiquei com medo	29	30,2	
não queria mais ir pra escola	18	18,8	
senti-me assustado	2	2,1	
Consequências relacionadas à agressão			<0,001
não teve consequência	42	43,3	
algumas consequências ruins	23	23,7	
consequências terríveis	20	20,6	
fez mudar de escola	12	12,4	
O que pensa a vítima sobre o agressor			<0,001
não penso nada	50	27,8	
tenho pena deles	31	17,2	
não gosto deles	96	53,3	
gosto deles	3	1,7	
Culpa pela agressão contínua			<0,001
de quem agride	96	62,3	
da direção da escola	12	7,8	
dos pais deles	31	20,1	
da vítima	10	6,5	

dos professores	5	3,2	
Sexo do agressor			<0,001
menino	68	68,0	
menina	32	32,0	
Já agrediu alguém			<0,001
não	136	72,7	
sim	51	27,3	
Última agressão sofrida			<0,001
Hoje	8	8,2	
Nos últimos 30 dias	37	38,1	
Nos últimos 6 meses	18	18,6	
Há 1 ano ou mais	34	35,1	
Quantas vezes foi vítima			<0,001
Uma vez	27	28,4	
Diversas vezes	38	40,0	
Quase todos os dias	17	17,9	
Várias vezes ao dia	13	13,7	
Onde aconteceu			<0,001
Indo ou vindo da escola	14	14,4	
Na sala de aula	32	33,0	
No pátio da escola	22	22,7	
No refeitório	12	12,4	
Nos banheiros	5	5,2	
Em outro local	12	12,4	
Tipo de agressão/ assédio/ bullying			
Intimidação FÍSICA	43	43,9	0,225
Intimidação VERBAL	49	51,0	0,838
Intimidação SEXUAL	5	5,2	<0,001
Intimidação RACISTA	22	22,9	<0,001
Intimidação EMOCIONAL	10	10,3	<0,001

Fonte: Autores, 2020

A associação da variável sexo com as variáveis sobre *bullying* está descrita na Tab. 2. O sexo do agressor apresentou significância estatística, sendo que a maior percentagem dos meninos afirmou ter sido vítima de agressores do sexo masculino (85,7%). Já as meninas tiveram uma distribuição bastante equilibradas entre agressores femininos (54,5%) e masculinos (45,5%). Os meninos apresentaram percentagens maiores de alunos que sofreram agressões (57,6%) em relação as meninas que, em apenas 46,3% da amostra, afirmaram já ter sofrido *bullying*. Em ambos os sexos as agressões foram, principalmente, localizadas entre os 11 e 14 anos de idade (66%), com as vítimas afirmando terem sentido medo (30,2%) e não reconhecendo consequências relacionadas à agressão (43,3%). As vítimas ainda indicaram, quando perguntados sobre o que pensam de seus agressores, que não gostam de seus agressores, e que a culpa de agressões recorrentes é prioritariamente de quem agride.

Tabela 2 – Associação das variáveis sobre *bullying* com o sexo dos alunos

VARIÁVEIS	MASCULINO		FEMININO		p-valor
	n	%	n	%	
Já Sofreu <i>Bullying</i>					0,122
não	39	42,4	51	53,7	
sim	53	57,6	44	46,3	
Consequências relacionadas					0,544
não teve consequência	22	40,7	20	46,5	
algumas consequências ruins	15	27,8	8	18,6	
consequências terríveis	12	22,2	8	18,6	
fez mudar de escola	5	9,3	7	16,3	
Agressor					<0,001
menino	48	85,7	20	45,5	
menina	8	14,3	24	54,5	
Já agrediu alguém					0,240
não	62	68,9%	72	76,6%	
sim	28	31,1%	22	23,4%	

Fonte: Autores, 2020.

Entre as associações com raça (Tab. 3), apenas a pergunta sobre a ocorrência de bullying apresentou significância estatística, já que os grupos dos alunos negros, amarelos e indígenas apresentaram as mais altas percentagens de respostas positivas. As demais variáveis não obtiveram distribuição que possibilitasse a aplicação do teste de qui-quadrado.

Tabela 3 – Associação das variáveis sobre *bullying* com a raça dos alunos

VARIÁVEL	RAÇA			p-valor
	Branca %	Parda %	Negra e outras %	
Já Sofreu <i>Bullying</i>				<0,001*
não	55,4%	58,5%	25,5%	
sim	44,6%	41,5%	74,5%	
Consequências relacionadas				0,274
Não teve consequências	37,5%	60,7%	34,3%	
Algumas conseq. ruins	31,3%	10,7%	25,7%	
Consequências terríveis	15,6%	21,4%	25,7%	
Fez mudar de escola	15,6%	7,1%	14,3%	
Agressor				0,074
Menino	67,6%	82,8%	55,9%	
Menina	32,4%	17,2%	44,1%	
Já Agrediu Alguém				0,310
não	78,1%	69,8%	66,0%	
sim	21,9%	30,2%	34,0%	
Tipo de agressão/ assédio/ <i>bullying</i>				
Intimidação FÍSICA	57,6%	42,9%	31,4%	0,293
Intimidação VERBAL	56,3%	50,0%	47,1%	0,750
Intimidação SEXUAL	6,3%	0%	8,8%	N.A
Intimidação RACISTA	3,6%	12,5%	50,0%	<0,001*
Intimidação EMOCIONAL	9,4%	10,3%	11,8%	0,951

Fonte: Autores, 2020.

Os alunos negros, amarelos e indígenas foram agrupados, por serem minoria numérica na amostra e, novamente, apresentaram a maior percentagem de respostas positivas para bullying, resultado estatisticamente significativo. Mesmo com ausência de significância estatística, destacamos a diferença nos padrões de resposta para gênero do agressor, este mesmo grupo apresentou uma maior percentagem de meninas como agressoras, quando comparados com os demais grupos. Quanto ao tipo de agressão sofrida pelos alunos, as maiores percentagens de respostas positivas apresentaram um padrão em todos os grupos para a intimidação verbal, em que todos apresentaram respostas positivas em percentagens muito próximas a 50%.

A variável “intimidação racista” apresentou significância estatística, já que os alunos das minorias apresentaram percentagem exata de 50% de respostas positivas quanto a sofrer este tipo de agressão, e os demais grupos apresentaram percentagens muito diferentes, alcançando um máximo inferior a 13% de respostas positivas. Percebemos associação significativa entre já ter sido vítima de assédio e ter cometido algum tipo de assédio contra colegas (Tab. 4).

Tabela 4 – Associação entre ter sofrido e praticado *bullying*

	Já praticou <i>bullying</i>			
	Não		Sim	
	n	%	n	%
Já sofreu <i>bullying</i>				
Não	73	54,1	17	34,0
Sim	62	45,9	33	66,0

Fonte: Autores, 2020.

4 DISCUSSÃO

Com intuito de investigar a prevalência de *bullying* em estudantes do 9º ano da rede municipal de Tramandaí, RS, o presente estudo demonstra que 51,1% dos estudantes já foram vítimas de *bullying*, entre os escolares de 14 a 18 anos, matriculados no 9º ano do ensino fundamental de Tramandaí, sendo que os meninos têm uma prevalência um pouco maior de sofrerem *bullying* (57,6%) sobre o percentual de meninas (46,3%). O alcance da presente pesquisa não permite afirmá-lo, porém, indicamos como hipótese, baseados no machismo estrutural de nossa sociedade, que as condições culturais podem levar as meninas a reconhecer, acusar e/ou identificar seus agressores com menos frequência. Esses dados encontram semelhança com o estudo realizado com 815 alunos de escolas públicas do interior de São Paulo, no qual, através do mesmo Questionário *Kidscape*, a prevalência de sofrer *bullying* entre escolares foi de 48,22% (GARBIN; GARBIN et al., 2016). Por outro lado, utilizando a mesma metodologia (*Kidscape*) no Rio Grande do Sul, encontra-se pesquisas com discentes de escolas públicas de Pelotas, com prevalência bem inferior, em 17,6% (MOURA; QUEVEDO et al, 2011) e em Cruz Alta, onde, com 459 alunos de escolas públicas, a prevalência foi

de 30% (NASCIMENTO et al 2013). Ainda, em Caxias do Sul, com uma amostra de 1230 discentes de escolas públicas, outro estudo encontrou uma taxa de prevalência de sofrer *bullying* em 10,2% (RECH; SANTOS, et al, 2013). Já em Porto Alegre, no estudo de Bandeira e Hutz (2012), a prevalência de vítimas de *bullying* em 67,5%, em que meninos e meninas apresentam níveis similares de vitimização.

As divergências encontradas entre os estudos podem ser explicadas pelas diferenças regionais e culturais, mesmo em se tratando de cidades de um mesmo estado e pelas limitações metodológicas que os instrumentos de coleta utilizam. O que chamamos de diferenças regionais e culturais exemplificam-se pelo próprio conceito de *Bullying* (VESSEY et al, 2014), isto é, a noção sobre o que é *bullying*, o que é agressão e o que é violência que cada comunidade forma para si mesma e com que cada escola trabalha cotidianamente. Um fator que observamos nas pesquisas é que o aumento da incidência de sofrer *bullying* também pode estar atrelado às campanhas que se faz dentro de cada ambiente escolar, no trabalho pedagógico com as leis e o quanto essa discussão está (ou não) arraigada entre a comunidade escolar.

Em consonância aos dados encontrados e ao aumento, nos autorrelatos, da manifestação das vítimas, percebe-se um crescimento nos relatos de vítimas de *bullying* entre 2009 e 2015, no Brasil, em uma análise comparativa sobre a tendência de *bullying* nas capitais brasileiras, considerando os dados das três edições da PeNSE (2009, 2012 e 2015). Por exemplo, no que concerne ao relato de sofrer *bullying*, entre os alunos do 9º ano, observa-se um aumento: 5,4%, em 2009, para 7,2% em 2012, e 7,4% em 2015, representando um crescimento de 37% neste intervalo. Os estados de São Paulo e Paraná tiveram as prevalências mais elevadas, índices que, ao serem associados aos fatores sociodemográficos, permitem inferir que, por figurarem entre os estados mais ricos e de maior densidade demográfica do país, também são aqueles para onde convergem pessoas de várias partes do país, aumentando a pluralidade de pessoas de diversas origens, cores, sotaques, costumes, e aumentando as diferenças entre as classes sociais.

Entre escolares de 13 e 17 anos, a prevalência do *bullying* aos 13 anos foi mais elevada, sendo um pouco menor em alunos de 15, 16 e 17 anos (MELLO; MALTA; SANTOS, 2018). Apesar da maioria dos estudantes terem dito que “se sentiram mal” ou que “ficaram com medo” quando sofreram *Bullying*, foi equilibrado o número de respostas que associa o episódio da violência a consequências posteriores (56,7%) e o que não faz esta associação (43,3%). Porém, um estudo constatou que 31,8% vítimas de *Bullying* não se incomodam com as atitudes dos colegas (BANDEIRA; HUTZ, 2012), e, também segundo Nascimento et al. (2013) para 29,70% das vítimas pesquisadas, o *bullying* não teria tido consequências.

Cabe ressaltar que o fato dos alunos pesquisados não reconhecerem consequências imediatas do ato não significa que elas não existam. Seria necessário, para tanto, uma posterior investigação sobre os motivos dos estudantes não reconhecerem as consequências do *bullying*, pois a relação das respostas dos alunos que “não se incomodam” (14,6%) para as respostas daqueles para os quais o *bullying* “não teve consequências” (43,3%) podem nos revelar um descompasso entre o reconhecimento do incômodo, em si mesmo, já como uma consequência e daí precisaríamos caracterizar a natureza e a profundidade deste incômodo, para entender a sua persistência ao longo do tempo, na vida das vítimas. Além disso, os dados de que 18% não quererem mais ir para a escola e de que 12% tenham trocado de escola, ambos devido ao *bullying*, índices altos para tais consequências drásticas, permite pensar que existe uma lacuna entre o não reconhecimento imediato da consequência e a consequência drástica, que precisaria ser melhor analisado.

Para Marcolino (2018), além do impacto macrossocial, o *bullying* tem efeito direto nas dimensões emocionais, psicológicas, físicas e sociais. As vítimas apresentam-se, na maioria das vezes, como indefesas, inseguras e com baixa autoestima, desenvolvendo, nos mesmos, instabilidade emocional e tendência a transtorno psíquicos, relacionadas ao ambiente escolar, desencadeando o baixo rendimento de aprendizado e até abandono. Esses dados remetem-nos, também, aos estudos de Nascimento et al. (2013), segundo os quais o *bullying* é um dos motivos de evasão escolar, podendo ser a razão e o sofrimento de muitos jovens, fazendo com que deixem de querer de ir à escola ou tenham que mudar de escola acarretando problemas sociais.

A agressão verbal é o tipo de intimidação de maior ocorrência (51%) entre os estudantes, porém 40% deles relataram que sofreram diversas agressões, sendo elas, além da predominante verbal, também a agressão física (43%). Igualmente, estudos de Garbin (2016) apontam a agressão verbal como a tipologia de *bullying* mais sofrido com incidência de 46,56%, seguida pela física (14%). A maioria dos estudos apontam agressão verbal como a mais típica de ocorrer, com índices que variam entre 75% (MOURA; QUEVEDO et al. 2011) a 35,50% (NASCIMENTO et al 2013). A agressão física, por sua vez, é apontada como a segunda tipificação de *Bullying* com maior ocorrência que varia entre 62,4 % (MOURA QUEVEDO et al., 2013) a 14% (GARBIN; GARBIN, 2016).

Ressalta-se que o local mais comum das ocorrências *bullying* tem sido a sala de aula (33%), o que demonstra que muitos episódios de *bullying* acontecem sob a presença do professor (GARBIN, 2016; RECH, SANTOS et al, 2013). Segundo Garbin (2016), este dado coloca os professores em uma posição de impotência ou até mesmo omissão diante do fenômeno.

Chamam a atenção, em nossa pesquisa, os casos de *bullying* ligados ao racismo, que ficam em 22,9%. Em outros estudos, esta taxa é apontada entre 6,3% e 18% (MOURA; QUEVEDO et al.

2011; RECH; SANTOS et al. 2013). Em um país onde discriminar a pessoa pela cor da pele é crime, é preocupante o índice deste tipo de prática de *bullying* no ambiente escolar (NASCIMENTO et al., 2013). Tal fato se deve ao reflexo de nossa sociedade onde o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, em qual se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares. Deste modo os comportamentos individuais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção (ALMEIDA, 2018).

As pesquisas também demonstraram que, quando os estudantes foram questionados de quem era a culpa das intimidações, agressões ou assédios, a maioria apontou ser o próprio agressor. Um percentual menor, mas não menos importante, apontou que a culpa das agressões é da própria vítima, o que também recoloca a questão sobre a culpabilização da vítima sobre casos de violência no mundo adulto.

A predominância masculina do sexo do agressor (31,1%) corrobora com outros achados da literatura (GARBIN, 2016). Na edição da PeNSE/2015, temos um índice de auto relato da prática do *bullying*, isto é, de crianças/adolescentes que confessam/assumem ter sido agressores em casos de violência escolar. Este índice abrange quase um quinto da população total de estudantes pesquisada (19,8%), sendo mais frequente no sexo masculino (24,2%), ou seja, quase um em cada quatro meninos admite já ter sido um agressor (MELLO; SILVA; OLIVEIRA, 2017). Este indicador é importante, pois ressalta a desigualdade de gênero presente já na adolescência, o que pode levantar hipóteses a respeito do tipo de performances de masculinidade, macheza que estão sendo imputados às crianças e jovens, bem como sobre a persistência dos valores arcaicos, patriarcais e misóginos na sociedade brasileira.

O número elevado de alunos que se identificou tanto como agressor quanto como vítima (66%) na nossa pesquisa, encontrou semelhança com o estudo de Moura et al. (2011), em que 47,1% dos que eram vítimas também provocam *bullying*, o que é compatível também com estudos internacionais (UNDHEIN; SUND, 2010). Mas para Garbin (2016), o que difere o *bullying* de outras violências entre os adolescentes é o fato de que, no *bullying*, as vítimas não reagem contra seus agressores, ou seja, existe uma relação desigual de poder, onde as vítimas teriam um comportamento reprimido diante de seus abusadores. Ou seja, nas pesquisas que indicam a presença vítimas que também são agressores, elas não são agressores porque reagiram ao *bullying* que sofreram (nem no momento em que foram vítimas e nem posteriormente): é muito mais provável que elas tenham reproduzido a violência que sofreram em outras vítimas, as quais tenham indicado como mais fracas que elas mesmas.

É necessário refletir sobre o papel dos diversos agentes da comunidade escolar, no sentido de repensar estratégias para a ressignificação deste espaço e, também, no sentido de pressionar

autoridades no sentido de fazer valerem as leis *antibullying* na forma de promoção de políticas públicas de resultado. Por agentes da comunidade escolar, compreendemos não somente os professores, mas também alunos, pais, gestores, funcionários, enfim, todos aqueles envolvidos nos processos de ensino-aprendizagem. A escola é um importante ambiente de formação ética, estética e cidadã, sendo, muitas vezes, dentro deste espaço que as crianças e jovens aprendem a conviver com outras pessoas e, sobretudo, a lidar com as diferenças.

A ocorrência do *bullying*, no contexto escolar brasileiro, está diretamente relacionada à reprodução da violência no plano macropolítico, por meio de atitudes que persistem, da infância à vida adulta, e geram consequências às vítimas em curto e/ou longo prazo, dentre as quais citamos, sobretudo, as marcas impressas na formação psicossocial dos sujeitos, sua personalidade, sua forma de encarar o mundo. Portanto, faz-se necessário que o fenômeno do *bullying* seja visto como um problema social que produz sofrimento e interfere no aprendizado, isto é, como uma forma de violência diretamente associada a desencadeadora de outras violências, além de afetar intensamente o desenvolvimento cognitivo, a saúde e a qualidade de vida das pessoas envolvidas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caracterizou-se em, aproximadamente, 51.1% o índice de alunos que relatam já ter sofrido violência por escolares em ambiente escolar e os meninos como os principais envolvidos, entre vítimas e agressores, nos casos de *bullying*. Reconhece-se os meninos como os principais envolvidos nos eventos de bullying, tanto como vítimas quanto abusadores. O racismo e a existência de vítimas que também são agressores são características que nos parecem marcantes, na caracterização dos tipos de *bullying* entre os escolares da rede pesquisa. Este estudo almeja ser um instrumento para a discussão e mapeamento da prevalência de *Bullying*, na rede municipal pública de educação da cidade de Tramandaí/RS, no sentido de subsidiar políticas públicas de promoção da saúde e do desenvolvimento humano entre estudantes, através combate às formas de violências escolares.ⁱ

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio L. O que é racismo estrutural. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2018.

BANDEIRA, Cláudia de M.; HUTZ, Claudio S. Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional. São Paulo, Volume 16, Número 1, p. 35-44, janeiro/junho, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v16n1/04.pdf>. Acessado em: 2 de maio de 2020.

CORINGA, S.; GOMES, Elisete; MOREIRA, Sullyan. O Ateneu: um território marcado pelo bullying. QUIPUS. v. 2, n. 1, p. 47-54, 20 fev. 2013. Disponível em: <https://repositorio.unp.br/index.php/quipus/article/view/284>. Acessado em: 12 de Maio de 2020.

FANTE, Cleo. Fenômeno bullying: como prevenir a violência na escola e educar para a paz. 2 ed. Campinas: Versus, 2005.

GARBIN, Cléa. A.; GATTO, Renata; GARBIN, Artênio. Prevalência de bullying em uma amostra representativa de adolescentes brasileiros. Archives of Health Investigation. v. 5, n. 5, p. 256-261, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.21270/archi.v5i5.1701> Disponível em: <http://www.archhealthinvestigation.com.br/ArcHI/article/view/1701/0>. Acessado em: 12 de Maio de 2020.

IBGE. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) 2009. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2009. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/pense/2009/default.shtm>. Acessado em 12 de Março de 2019.

IBGE. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) 2012. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2012. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/pense/2012/default.shtm>. Acessado em 12 de Março de 2019.

IBGE. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) 2015. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2015. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/pense/2012/default.shtm>. Acessado em 12 de Março de 2019.

KIDSCAPE: preventing bullying, protectin children. Disponível em: <http://www.kidscape.org.uk>. Acessado em: 01 de abril de 2019.

LOPES NETO, Aramis. Bullying: saber identificar e como prevenir. São Paulo: Brasiliense, 2011. 1 ed.

LOPES NETO, Aramis. Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. Jornal de Pediatria. v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0021-75572005000700006>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0021-75572005000700006&script=sci_abstract&tlng=pt Acessado em 12 de Março de 2019.

MANZINI, R. G. P.; BRANCO, A. U. Bullying: escola e família enfrentando a questão. Porto Alegre: Mediação, 2017.

MARCOLINO, Emanuella de C.; CAVALCANTI, Alessandro; PADILHA, Wilton; MIRANDA, Francisco; CLEMENTINO, Francisco. Bullying: prevalência e fatores associados à vitimização e à agressão no cotidiano escolar. *Texto & contexto - enfermagem*. v.27, n.1, e5500016, Florianópolis, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072018005500016> Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072018000100304&lng=en&nrm=iso Acessado em: 07 de Abril de 2019.

MELLO, Flávia; SILVA, Jorge; OLIVEIRA, Wanderlei; PRADO, Rogério; MALTA, Deborah; SILVA, Marta. A prática de bullying entre escolares brasileiros e fatores associados, *Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015*. *Ciência e saúde coletiva* [online]. v. 22, n.9, p. 2939-2948, 2017. DOI: 10.1590/1413-81232017229.12762017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v22n9/1413-8123-csc-22-09-2939.pdf> Acessado em: 04 de Abril de 2019.

MELLO, Flávia; MALTA, Deborah; SANTOS, Maria; SILVA, Maria Maria; SILVA, Marta Angélica. Evolução do relato de sofrer bullying entre escolares brasileiros: *Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar - 2009 a 2015*. *Revista brasileira de epidemiologia*. v. 21, Supl. 1. São Paulo, 2018. E-pub: 29-Nov-2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2018000200401&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt Acessado em: 04 de Abril de 2019.

MOURA, Danilo; CRUZ, Ana C.; QUEVEDO, Luciana. Prevalência e características de escolares vítimas de bullying. *Jornal de Pediatria*. Rio de Janeiro, v. 87, n. 1, p.19-23, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0021-75572011000100004> Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572011000100004 Acessado em: 04 de Maio de 2020.

NASCIMENTO, Karine B do; KRUG, Marília R.; COSTA, Fátima T. L.; NASCIMENTO, Bianca B. Bullying entre escolares: um estudo descritivo na cidade de Cruz Alta/RS. *Revista Reflexão e Ação*. Santa Cruz do Sul: v. 21, n. 1, p. 196-218, jun./jun. 2013. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/3418/2917> Acessado em: 13 de Maio de 2020.

OLWEUS, Dan. Bully/victim problems in school: facts and intervention. *European Journal of Psychology of Education*. v. 12, n. 4, p. 495-510, 1997. DOI: 10.1007/BF03172807 Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/225364136_Bullyvictim_problems_in_school_Facts_and_intervention/citation/download Acessado em: 13 de Maio de 2020.

PIGOZI Pâmela L.; MACHADO, Ana L. Bullying na adolescência: visão panorâmica no Brasil. *Ciência & Saúde coletiva* [online]. v. 20, n. 11, p.3509-3522, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-812320152011.05292014>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232015001103509&script=sci_abstract&tlng=pt Acessado em: 13 de Maio de 2020.

POMPEIA, Raul. *O Ateneu*. São Paulo: Ática, 16 ed., 1996. Disponível em: <<http://www.culturatura.com.br/obras/O%20Ateneu.pdf>> Acessado em: 10 de Janeiro de 2019.

RECH, Ricardo; HALPERN, Ricardo; TEDESCO, Andressa; SANTOS, Diego F. Prevalência e características de vítimas e agressores de bullying. *Jornal de Pediatria*. v. 89, n. 2, p. 164-170, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jped.2013.03.006> Disponível em: <http://www.scielo.br/jped/v89n2/v89n2a10.pdf> Acessado em: 10 de Janeiro de 2020.

SILVA, Cíntia; COSTA, Bruno L. Opressão nas escolas: o bullying entre estudantes do ensino básico. *Cadernos de Pesquisa* [online]. v. 46, n. 161, p.638-663, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/198053143888>. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/3888> Acessado em: 13 de Maio de 2020.

TEIXEIRA, G. Manual antibullying para alunos, pais e professores. Rio de Janeiro: Bestseller, 2011.

UNDHEIM, Anne M.; SUND, Anne M. Prevalence of bullying and aggressive behavior and their relationship to mental health problems among 12- to 15-year-old Norwegian adolescents. *European Child & Adolescent Psychiatry*. N. 19, p. 803-811, nov. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1007/s00787-010-0131-7> Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s00787-010-0131-7> Acessado em: 2 de maio de 2020.

VESSEY, Judith; STROUT, Tania; DiFAZIO, Rachel; WALKER, Allison. Measuring the youth bullying experience: a systematic review of the psychometric properties of available instruments. *Journal of School Health*. Volume 84, N. 12, p. 819-843, dec. 2014. DOI: <https://doi.org/10.1111/josh.12210> Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/josh.12210> Acessado em: 2 de maio de 2020.

ZOEGA, Maria Teresa S.; ROSIM, Mirivaldo A. Violência nas escolas: o bullying como forma velada de violência. *Revista Unar. Araras*, v. 3, n. 1, p. 13-19, 2009. Disponível em: http://revistaunar.com.br/cientifica/documentos/vol3_n1_2009/4_violencia_nas_escolas.pdf Acessado em: 13 de Maio de 2020.

ⁱ O presente artigo foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), Código de Fomento 001.